

O QUE FAZ DE UM SER, HUMANO? UMA ABORDAGEM PSICOLÓGICA HUMANISTA E FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO CONTO “O HOMEM BICENTENÁRIO” DE ISAAC ASIMOV

Ana Beatriz Valeriano Barbosa¹, Maria Karolline da Silva Santos², Anna Beatriz Barbosa Nunes³, Gabriela Mota de Lima Luiz⁴, Murilo Vitor Gonçalves Freire⁵, Emmanoel de Almeida Rufino⁶

¹Discente do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Ensino Médio - IFPB. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/IFPB; ²Discente do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Ensino Médio - IFPB. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/IFPB; ³Discente do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio - IFPB. Voluntária de Iniciação Científica do CNPq/IFPB; ⁴Discente do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio - IFPB. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/IFPB; ⁵Discente do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Ensino Médio - IFPB. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/IFPB; ⁶Professor de Filosofia do Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) e do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - IFPB. E-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

Área de conhecimento/Subárea: Área 07 – Ciências Humanas | Psicologia
ODS vinculado(s): ODS 03 – Saúde e bem-estar

INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, o ser humano procura compreender os sentidos da própria existência, questionando o que o cerca e o que o faz ser ele mesmo. Essa busca encontra dificuldades epistemológicas (como conhecer a verdade do que somos?) e ontológicas (como descobrir quem somos sem sabermos em que medida somos seres da natureza - possuidores de uma essência - e/ou da cultura), que nos abrem diversos caminhos possíveis de pensamento filosófico. Se a filosofia - da Grécia antiga à contemporaneidade - tentou várias vezes dar respostas à questão sobre o que faz de um indivíduo um ser humano, o cenário de desenvolvimento cibertecnológico atual coloca essa discussão em termos novos e urgentes, já que a humanidade que conhecíamos se hibridiza cada vez mais com as máquinas, tornando-se ciborguiana (Oliveira, 2017).

Se no processo de ciborguização, os seres humanos acoplam a si cada vez mais elementos maquinais, possibilitando-nos questionar qual(is) seria(m) a(s) fronteira(s) entre o humano e a máquina (se é que esse limite distintivo possa e deva existir), o caso retratado ficticiamente pelo contista Isaac Asimov na obra “O homem bicentenário” faz essa mesma questão ganhar relevo a partir de uma experiência inversa: o protagonista é um andróide (robô humanóide) inteligente que cada vez mais imerso no mundo humano vai se reconhecendo mais como humano do que como máquina. A atualidade desse conto - publicado originalmente em 1976 - nos provocou ao presente estudo, em que - sob a ótica da psicologia humanista rogeriana e a filosofia fenomenológico-existencial - buscamos compreender o que torna um indivíduo um ser humano.

Para o alcance desse objetivo, organizamos nossa análise em dois momentos: a exposição do entendimento sobre o humano desenvolvido pela psicologia humanista e pela filosofia fenomenológico-existencial e, posteriormente, o estabelecimento de conexões entre essas perspectivas e os aspectos da condição humana retratados por Asimov ao narrar a trajetória de Andrew, personagem principal do conto “O homem bicentenário”.

Diante disso, acreditamos que, além de permitir um novo olhar interpretativo sobre a obra, esta pesquisa se faz relevante por contribuir com as discussões sobre o ser e o fazer humanos, partindo de perspectivas teóricas que procuram retratar o humano em sua complexidade (amplitude de sentidos e potencialidades), perspectivas que, segundo o cremos, se mostram cada vez mais necessárias para a compreensão das razões que subjazem o “espírito” de nossa época, cêlere, líquida (Bauman, 2007) e cibernética (Lévy, 1999).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho - em decorrência do uso de materiais bibliográficos - assume tipologia inteiramente teórica. Buscando embasamento conceitual no que se refere às abordagens humanista e fenomenológico-existencial foi adotado como referência principal o artigo “Carl Rogers e Emmanuel Lévinas: caminhos éticos na abordagem centrada na pessoa” (Vasconcelos, A; Souza, S, 2021), que dispõe de ideias pertencentes às abordagens mencionadas através do diálogo proposto entre o pensamento do psicólogo humanista Carl Rogers e da filosofia fenomenológico-existencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão de ser humano a partir da psicologia humanista e da fenomenologia-existencial

A perspectiva fenomenológica acerca do processo de conhecimento propõe como conceito central o fenômeno e sua dinâmica com a consciência, sendo considerado fenômeno tudo o que pode se manifestar em consciência. Adotando o ser humano como fenômeno e prosseguindo com a linha de pensamento fenomenológica, este é tomado conscientemente e a partir disso surgem as possibilidades de seu conhecimento verdadeiro, que só podem ser realizadas se, a princípio, forem suspensos os julgamentos prévios a seu respeito. Nesse sentido, uma compreensão verdadeira do ser humano estaria pautada no que é obtido através da observação do próprio humano e do que o influencia.

Em linhas gerais, a corrente existencialista defende que o que constitui o humano não é uma natureza estática, tendo em vista que, se encontrando em condição de existência e a partir de suas escolhas diante do que o mundo lhe mostra, o indivíduo humano pode reger o estado da sua própria identidade - que se mantém em constante fluxo - e pode ser livre para (re)construir sua trajetória existencial (Lisboa, 2016). Sartre (1987, p.16) vai sugerir, por exemplo, que em vez de falarmos de uma natureza humana devemos falar de uma *condição* humana, já que ser é existir e já que nada somos antes de nos lançarmos no mundo e fazermos nossas escolhas. Subjaz a essa ideia a compreensão sartreana de que a identidade humana é resultado das escolhas que cada indivíduo faz conscientemente em sua vida, mesmo em relação àqueles elementos de influência externos que podem suscitar que nos comportemos de um jeito ou de outro. Não há, portanto, um *a priori* que demarque a vida humana, naturalizando-o e, portanto, cercando-a de determinismo. Ademais, é marca do existencialismo (para além de Sartre) a ideia de que o ser humano é um “fazer-se”, um buscar-se, e de que a condição de plenitude de sua existência é ser aquilo que possa e queira ser para além das finalidades que o mundo lhe aponta como metas de sentido preenchimento existencial.

O pensamento de Carl Rogers, na medida em que formula sua abordagem psicoterapêutica, se aproxima em certos traços da perspectiva fenomenológico-existencial. A começar pela adoção de uma compreensão em torno da pessoa (ou cliente, no contexto da psicoterapia), pois, diferentemente de outras abordagens, não possui o elemento diretivo, que acaba por colocar o terapeuta como guia e permite que o caminho da terapia seja traçado

tendo como base as hipóteses provenientes da teórica. Em Rogers, compreende-se que o indivíduo é “dotado de liberdade, autonomia e poder de escolha” (Borja-Santos, 2004 apud Vasconcelos e Souza, 2021), assim sendo reconhecido o poder que tem em relação a própria vida e respeitado o conhecimento que tem sobre si mesmo (Vasconcelos e Souza, 2021). Diante disso, o caminhar do processo psicoterapêutico é colocado de modo a ser guiado pelo indivíduo (Vasconcelos e Souza, 2021).

Nesse contexto, o processo terapêutico busca auxiliar o sujeito em sua autonomia a se conscientizar de recursos que fazem parte dele mesmo e que possibilitam um estado de tendência à (re)construção através das mudanças, propiciando o desenvolvimento de suas potencialidades. Assim sendo, o terapeuta assume o papel de quem acompanha e acolhe através da promoção de atitudes facilitadoras (conduzidas de modo não arbitrário) (Rogers e Kinget, 1977 apud Vasconcelos e Souza, 2021), permitindo que o encontro entre essas duas partes seja um momento de real humanidade (Vasconcelos e Souza, 2021).

A base desse olhar humanista e existencialista encontra forte lastro na fenomenologia, com a de Emmanuel Lévinas, que concebe o processo de desenvolvimento da condição humana através do reconhecimento da alteridade como marco da identidade humana. Afinal, em nós habita um grande outro e os outros fora de nós são decisivos para nos compreendermos no mundo como seres em construção.

A formação humana presente no conto “O homem bicentenário”

O conto “O homem bicentenário” do escritor Isaac Asimov nos apresenta a história de Andrew, um robô doméstico que após começar a prestar serviços à família Martin, passa a tentar compreender os seres humanos e nutrir no interior de seus circuitos o desejo de se tornar humano. A princípio, tinha muitas semelhanças com os demais robôs, afinal foi fabricado e passou a existir seguindo um molde, suas peças e aparência seguiam um padrão e sua programação e funcionalidades foram inseridas previamente.

Logo que foi fabricado, Andrew se parecia muito mais com um robô. Não dava para diferenciá-lo de qualquer outro - o aspecto era funcional e de ótimo acabamento. Tinha se saído muito bem na casa para onde o levaram, na época em que os autômatos domésticos, ou espalhados pelo planeta inteiro, consistiam verdadeiras raridades (ASIMOV, 1997).

Após o período inicial de sua estadia na casa dos Martin, de modo inexplicável, Andrew passa a demonstrar afeto e criatividade em suas ações, de modo que toma decisões por conta própria, não necessariamente condicionadas por sua programação. Partindo do entendimento existencialista, Andrew em sua condição existente foi capaz de fazer escolhas espontâneas e consequentemente concedeu rumo a um processo de construção identitária. Entretanto, embora essa capacidade permita que o sujeito possa ser considerado como dotado de liberdade, Andrew ainda não a possuía de forma plena, visto que o pai da família Martin era reconhecido por lei como dono de Andrew e por mais espontâneas que fossem suas ações, ainda corresponderiam ao Senhor Martin, assim como as possíveis consequências. Diante disso, acompanhado por sentimento de receio, Andrew solicita sua liberdade plena ao senhor Martin, que inicialmente não fica contente com o pedido, mas que no fim o auxilia a obter por meios legais, juntamente com sua filha.

Senhorita Martin: “Vamos ver se dá para entender o que representa ser livre no caso de Andrew. Sob certos aspectos, livre é uma coisa que ele já é. Eu acho que há vinte anos, no mínimo, que ninguém da nossa família tem de lhe dar uma ordem para fazer algo que ele não seria capaz de fazer espontaneamente” (ASIMOV, 1997).

Assim, Andrew passa a pertencer a si mesmo e se torna inteiramente responsável por suas decisões, tal como pelas correspondentes consequências. Sob olhares existenciais, essa responsabilidade é o que permite que os seres humanos sejam capazes de (re)construírem seus estados de identidade; e agora de forma efetiva, era possível para Andrew traçar o que poderia vir a ser a partir de então.

Com o falecimento do Sr. Martin, o desenvolver da história prossegue com Andrew procurando entender mais sobre o comportamento humano e com isso tendo que interagir com o mundo de forma mais direta.

CONCLUSÕES

À guisa de conclusão, o personagem Andrew - do conto “O homem bicentenário” de Isaac Asimov - parece construído para responder à pergunta “O que faz do humano, humano?” justamente a partir de premissas que afirmam o humano como um ser que, apesar de suas determinações biológicas, se perfaz na cultura, a partir das relações que estabelece abertamente consigo e com o mundo por meio de suas escolhas. De maneira indiscutível, a possibilidade de reconhecer um humano no personagem Andrew - ao menos sob a ótica humanista e fenomenológico-existencial - depende de sua condição de perceber-se como um ser livre, capaz de escolhas conscientes e não programadas de modo determinista. Ora, do contrário, tudo o que viesse a revelar-se fruto das ações humanizadas do andróide nada mais seriam do que reações “criativas” a uma programação em seu sistema, e uma programação feita por humanos, o que faria do andróide Andrew um ser heteronômico, um ser cujas escolhas não lhe pertencem.

De certa maneira, lida atualmente, essa obra nos faz pensar criticamente nas (im)possibilidades da inteligência artificial dar um senso ético e estético a seres originalmente não humanos que, de saída, só conseguem reproduzir o humano em suas ações técnicas, mecânicas. O avanço das novas tecnologias da informação nos coloca diante dessas fronteiras (im)possíveis do humano com as máquinas.

AGRADECIMENTOS

Prestam-se os devidos agradecimentos ao IFPB (em nome de sua Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação - PRPIPG) e ao CNPq pelo apoio financeiro ao desenvolvimento deste trabalho, oriundo, por sua vez, do projeto de iniciação científica (PIBIC-Em) intitulado “Interfaces entre a literatura, a psicologia e a psicanálise: explorando perspectivas de autoconhecimento e plenitude do ser”.

REFERÊNCIAS

ASIMOV, I. O homem bicentenário e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1997.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISBOA, C. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. **Problemata – Revista Internacional de Filosofia**, v. 7, n. 2, 2016.

Belém 2024



XIV Congresso
Norte-Nordeste
de Pesquisa e Inovação

CONNEDI

OLIVEIRA, D. F. **Sobre humanos e máquinas:** marcos ontológicos, epistêmicos e éticos para a compreensão do ciborgue e aprendizagem humana na cultura digital. 2017. 270f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo.** Trad. de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

VASCONCELOS, A; SOUZA, S. Carl Rogers e Emmanuel Lévinas: caminhos éticos na abordagem centrada na pessoa. **Phenomenological Studies - Revista da abordagem Gestáltica**, v. 27, n. 2, 2021.